



Questões étnico-raciais em bibliotecas: as histórias em quadrinhos da coleção Jeremias no Graphic MSP

Ethnic-racial issues in libraries: the comics of the Jeremias collection at Graphic MSP

Arthur Almeida

Doutorando em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Bibliotecário da Câmara de Jaboatão dos Guararapes.

E-mail: arthur.feijo@ufpe.br

Erinaldo Dias Valério

Doutor em Ciência da Informação pela Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Docente do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

E-mail: erinaldo.dias@ufpe.br

RESUMO

A biblioteca pode ser um importante instrumento na construção de uma sociedade antirracista. A contribuição desses espaços em prol da equidade racial pode vir através dos serviços oferecidos e das coleções que foram seu acervo. Por meio de uma abordagem qualitativa, procedimento bibliográfico e considerando a importância da discussão da temática étnico-racial nos espaços culturais e educacionais, o presente artigo tem como objetivo refletir como o acervo das bibliotecas pode desempenhar um papel crucial na promoção de uma educação antirracista a partir da análise das temáticas raciais abordadas nos quadrinhos “Jeremias — Pele” (2018), “Jeremias — Alma” (2020) e “Jeremias — Estrela” (2024), parte da coleção Graphic MSP. Após a leitura das obras, à luz da análise de conteúdo, foi possível perceber que as histórias em quadrinhos protagonizadas por Jeremias, abordam de forma lúdica e acessível, questões como racismo, representatividade, epistemicídio e violência policial. A trilogia de “Jeremias”, de autoria de Rafael Calça e Jefferson Costa, são títulos pertinentes para se construir a discussão de questões étnico-raciais dentro das bibliotecas.

Palavras-chave: Relações étnico-raciais. Histórias em Quadrinhos. Coleção Jeremias. Turma da Mônica. Graphic MSP.

ABSTRACT

The library can be an important instrument in building an anti-racist society. The contribution of these spaces to racial equity can come through the services offered and the collections that make up their catalog. Using a qualitative approach and bibliographic procedure, and considering the importance of discussing ethnic-racial themes in cultural and educational spaces, this article aims to reflect on how the library collections can play a crucial role in promoting anti-racist education by analyzing the racial themes addressed in the comics “Jeremias — Pele” (2018), “Jeremias — Alma” (2020), and “Jeremias — Estrela” (2024), part of the Graphic MSP collection. After reading these works through content analysis, it is possible to see that the comics featuring Jeremias address issues such as racism, representation, epistemicide, and police violence in a playful and accessible manner. The “Jeremias” trilogy, authored by Rafael Calça and Jefferson Costa, are relevant titles for fostering the discussion of ethnic-racial issues within libraries.

Keywords: Ethnic-racial relations. Comics. Jeremias’ Collection. Monica’s Gang. Graphic MSP.

1 INTRODUÇÃO

Em fevereiro de 2024, um homem negro, motoboy, é detido ao tentar comunicar à polícia militar que havia sido esfaqueado por um idoso branco em Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul¹. Em março do mesmo ano, uma aluna negra de 12 anos de uma escola municipal de São Paulo foi vítima de um ataque perpetrado por outros alunos: fazendo uso de termos racistas para se referir à sua pele e cabelo, outras crianças pisoteavam-na enquanto jogavam nela terra e fezes de gato². Três meses depois, em 06 de junho, a polícia federal de Belo Horizonte cumpre mandados contra um acusado de fomentar racismo on-line; além de disseminar conteúdo promovendo violência racial e ódio a miscigenação, o homem também incitava o assassinato de pessoas negras³.

A Lei 7.716, a Lei de Crime Racial conhecida também como Lei do Racismo, foi sancionada em 1989. Mais de 30 anos separam a criação da Lei e os casos citados acima. Em uma pesquisa realizada em 2023⁴, apurou-se que 81% das pessoas entrevistadas acreditam que existe racismo no Brasil, mas 85% não consideram que possuem práticas ou atitudes racistas. Gilberto Freyre publicou em 1933 sua obra “Casa Grande & Senzala” e difundiu a sua teoria da democracia racial – hoje entendida como mito –, pintando o Brasil como um país multicultural, do qual o negro é peça fundamental para o seu funcionamento. Os fatos supracitados desmontam a ilusão postulada por Freyre e expõem a ineficiência do Brasil em superar a herança escravocrata em que se enraíza o nosso racismo.

Mas de que maneira podemos erradicar, ou ao menos minimizar, o racismo no Brasil? Considerando as fases do movimento negro brasileiro (Domingues, 2007), além da inserção da população negra na sociedade, incluindo o protagonismo negro nos veículos midiáticos, no ensino superior e no mercado de trabalho, da criação de espaços

¹ FOLHA DE SÃO PAULO. **Polícia algema e detém homem negro vítima de facada em Porto Alegre.** 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/02/policia-algema-e-detem-homem-negro-vitima-de-facada-em-porto-alegre.shtml>. Acesso em: 06 jun. 2024.

² BANDNEWS FM. **Menina negra é agredida e atingida por fezes de gato em escola de SP.** 2024. Elaborada por Júlia Letícia. Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/bandnews-fm/noticias/menina-negra-e-agredida-e-atingida-por-fezes-de-gato-em-escola-de-sp-16676173>. Acesso em: 06 jun. 2024

³ G1 MINAS. **Polícia Federal cumpre mandado de busca e apreensão em operação para combater racismo on-line.** 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2024/06/06/policia-federal-cumpre-mandado-de-busca-e-apreensao-em-operacao-para-combater-racismo-on-line.ghtml>. Acesso em: 06 jun. 2024.

⁴ CARTA CAPITAL. **8 em cada 10 pessoas consideram o Brasil um país racista, aponta estudo.** 2023. Elaborado por Mariana Serafini. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/8-em-cada-10-pessoas-considera-o-brasil-um-pais-racista-aponta-estudo/>. Acesso em: 06 jun. 2024.

de igualdade racial e de punições mais severas aos crimes de racismo e injúria racial, um ponto de grande importância para o debate dessa pauta é a inserção dela na educação básica através da Lei 10.639. A Lei tornou obrigatória, desde 2003, o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira no ensino fundamental e médio em todo o Brasil.

De inegável necessidade e fruto de muita luta do movimento negro brasileiro, a Lei 10.639/03 ainda enfrenta uma série de questões para uma implementação ativa e eficaz, “questões que vão desde as condições infraestruturais e de tempo nas escolas até a própria negação da importância de se trabalhar com história e cultura africana e afro-brasileira por parte de professores, diretores ou mesmo de pais e alunos” (Pereira, 2017, p. 29).

Elisângela Gomes (2016) nos apresenta o pensamento afrocêntrico como um instrumento elementar em prol da equidade racial. A autora afirma que a afrocentricidade “situa a população negra no centro das discussões nos processos históricos de produção do conhecimento e saberes, da valorização cultural e de elementos pertencentes à memória e ancestralidade antes do processo de escravização que marginalizou esse grupo étnico e subalternizou seu sistema de crenças e valores em detrimento do poder hegemônico europeu” (Gomes, 2016, p. 739). Assim, quando o pensamento afrocêntrico é disseminado através da família, da escola e de outros espaços de cultura e educação, como bibliotecas e museus, estamos cultivando uma sociedade antirracista.

Portanto, este trabalho se propõe a responder a seguinte inquietação: como as bibliotecas podem desempenhar um papel na promoção de uma educação antirracista? Para tanto, elencou-se como objetivo: refletir como o acervo das bibliotecas pode desempenhar um papel crucial na promoção de uma educação antirracista a partir da análise das temáticas raciais abordadas nos quadrinhos “Jeremias — Pele” (2018), “Jeremias — Alma” (2020) e “Jeremias — Estrela” (2024), parte da coleção Graphic Maurício de Sousa Produções (MSP).

A fim de alcançar o objetivo proposto, esse trabalho se vale de uma abordagem qualitativa, pois trata de “aspectos da realidade que não podem ser quantificados, concentrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (Gerhardt; Silveira; 2009, p. 34). Quanto à natureza é básica e seu objetivo é exploratório, já que busca “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para

estudos posteriores” (Gil, 2008, p. 37). O procedimento escolhido foi a pesquisa bibliográfica, onde foi realizada a leitura das obras “Jeremias — Pele” (2018), “Jeremias — Alma” (2020) e “Jeremias — Estrela” (2024) através de uma leitura crítica e relacionando-as aos conteúdos abordados — promovendo reflexões relacionadas à abordagem de temas como raça, preconceito, discriminação, racismo, branquitude e interseccionalidade — na disciplina “Seminários em Ciência da Informação (Ênfase em Relações Étnico-raciais no Campo da Informação)” ministrada pelo Prof. Dr. Erinaldo Dias Valério no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco no primeiro semestre de 2024.

2 UMA BIBLIOTECA ANTIRRACISTA

Por muito tempo o conceito de biblioteca difundido no senso comum era o de um espaço dedicado à erudição, destinado a um público seletivo e privilegiado. O avanço das tecnologias, das pautas sociais e dos conteúdos ministrados nos cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil e afora, podem ajudar a continuar desconstruindo essa ideia ultrapassada e a democratizar o acesso a esses espaços (Sousa, 2020; Sales; Paes, 2025). Mas estes, como aparelhos ideológicos do Estado, não conseguem se desvencilhar completamente dos ideais que mantêm a ordem social, marginalizando certos grupos em detrimento de outros (Althusser, 1980).

Entre os ensinamentos biblioteconômicos encontra-se a formação e desenvolvimento de coleções, responsável pelo acervo de suportes informacionais que será disponibilizado aos seus usuários, independentemente da tipologia da biblioteca. Os bibliotecários são ensinados que as coleções devem refletir o contexto social em que estão inseridas as instituições, sendo capaz não apenas de atender as demandas informacionais e culturais de seus usuários, mas dispor de uma variedade que permita surgir novas demandas e mobilizações. As coleções das bibliotecas podem tirar sujeitos da inércia, dar sentido ao individual e promover mudanças em toda a sociedade.

Mesmo assim, o acervo de muitas bibliotecas pode se mostrar incapaz de cumprir seu papel de maneira eficiente, estando por vezes desatualizado, seja cientificamente ou socialmente. Ainda hoje, essas coleções ressoam as vozes de homens cisgêneros brancos e heterossexuais, excluindo narrativas que dão representatividade e protagonismo a grupos que foram e ainda são oprimidos (Almeida, 2022). Sobre isso, Waldomiro Vergueiro (2010, p. 33) aponta que são muitos os livros, principalmente

infanto-juvenis, em que podemos observar que “por trás de figuras atraentes e histórias divertidas estão a disseminação de preconceitos e o velado incentivo a discriminações de ordem étnica, cultural ou social”.

Por vezes, o material que chega à mão dos nossos usuários falha em apresentar uma sociedade diversa, com ausência de pessoas negras, LGBTQIAP+, membros de povos originários, pessoas com deficiência etc., enquanto triunfa em reproduzir preconceitos: representando negativamente minorias, reproduzindo ideias machistas, capacitistas e elitistas, e ecoando discursos racistas e discriminatórios (Vergueiro, 2010). A ausência de uma consciência de classe pautada nos movimentos sociais ainda é perceptível naqueles responsáveis pela curadoria desses acervos: os bibliotecários (Vieira; Valério, 2020).

Sara da Cruz Vieira e Erinaldo Dias Valério (2020, p. 187) apontam que a ausência das pautas raciais em acervos bibliográficos tem sido remediada por “iniciativas de bibliotecárias/os e professoras/es negras/os, movimento negro e de pessoas de outros pertencimentos étnico-raciais comprometidas com a agenda antirracista no país”. Faz-se necessário reforçar a urgência do envolvimento de pessoas brancas na construção e disseminação de uma educação antirracista, muitas vezes relegada às pessoas negras como se o racismo não fosse causado por e para as pessoas brancas. O ideal seria que pessoas brancas fizessem uso de seus privilégios para contribuir na busca da erradicação da discriminação racial.

As bibliotecas, sejam elas escolares, públicas, universitárias ou comunitárias, dispendo de coleções desenvolvidas a partir de um letramento racial⁵, podem ser forças motrizes na promoção de uma educação antirracista capaz de mudar as estruturas dominantes da sociedade. Sobre isso, Eliane Cavalleiro (2001) afirma:

somente uma educação calcada na informação e no questionamento crítico a respeito das desigualdades sociais, bem como dos problemas relacionados ao preconceito e à discriminação, pode concorrer para a transformação dessa sociedade que tem, sistematicamente, alijado muitos indivíduos do direito à cidadania (Cavalleiro, 2001, p. 151).

⁵ De acordo com Lia Vainer Schucman (2020), o termo letramento racial foi proposto pela antropóloga afro-americana France Widdance Twine como um conjunto de práticas de leitura crítica e discursiva do mundo que permitiria a consciência do pertencimento racial — de si e das outras pessoas — e das implicações que esse(s) pertencimento(s) traz(em).

Segundo Kimberly Black (2022), o antirracismo se fundamenta além de um discurso raso em uma suposta desaprovação ao racismo, mas sim, “ações que resultam em mudanças nos sistemas e estruturas que criam justiça para as pessoas de cor” (Black, 2022, p. 6). Segundo ela, o antirracismo tem muitas dimensões, das quais vamos focar em três. Para a autora, entre as dimensões do antirracismo estão: i) a teoria e a ideologia, uma vez que o antirracismo nasce como resultado de um processo contínuo de opressão e da busca por justiça e liberdade; ii) as histórias, narrativas e mitos, pois a partir delas é possível estar no mundo e reconstruir a memória apagada de um povo.

A terceira dimensão que Kimberly Black (2022) discorre sobre é, segundo a autora, talvez a mais crítica do antirracismo: a ação. O antirracismo só poder ser “alcançado por meio de ações políticas para promover mudanças estruturais no mundo que apoiem a liberdade e a justiça” (Black, 2022, p. 7). Sendo assim, para construção de uma biblioteca antirracista é preciso que haja vontade política para, combinando conceitos teóricos e práticos, promover ações transformadoras capazes de emancipar a sociedade das amarras da branquitude.

Assim, uma biblioteca antirracista efetiva proporciona “equipar os membros da comunidade com o conhecimento necessário para promover mudanças com eficácia” (Black, 2022, p. 9), já que pessoas bibliotecárias detêm o prestígio, o conhecimento e o espaço, seja ele físico ou virtual, para promover iniciativas antirracistas capazes de mudar a realidade de uma comunidade.

Considerando o potencial que os acervos das bibliotecas possuem na promoção da igualdade social e étnico-racial, fortalecendo a construção de uma educação antirracista e um letramento racial capaz de transformar a sociedade, como afirma Eliane Cavalleiro (2001), somos levados a pensar quais títulos poderiam contribuir para essa luta. As obras que tratam das questões étnico raciais passam por áreas da Psicologia à Antropologia, da Medicina à Ciência da Informação. Entretanto, considerando a importância de inserir essas pautas em uma pluralidade de tipologias de bibliotecas, nos atemos às obras de literaturas convencionais.

Vários títulos podem vir à mente e vários outros surgiram durante a produção desse artigo, mas um deles se destacou por vários motivos: o principal deles é o fato de ser uma trilogia protagonizada por um garoto negro, escrito e ilustrado por autores negros, em um dos universos mais populares da literatura nacional brasileira nesse século. Como se esse não fosse motivo o suficiente, ao procedermos à análise,

poderemos observar que as obras estão repletas de questões que já vêm sendo discutidas no meio acadêmico e dentro do movimento negro desde o século passado, mas ainda encontram dificuldade em furar a bolha ideológica da sociedade por conta de sua branquitude. Estamos falando da saga do personagem Jeremias nos quadrinhos da coleção Graphic MSP.

3 JEREMIAS E A COLEÇÃO GRAPHIC MSP

As histórias em quadrinhos compõem o acervo de algumas tipologias de bibliotecas por se tratar de um suporte informacional que mistura duas artes diferentes: desenho e literatura. Popular entre crianças, jovens, adolescentes e adultos, as histórias em quadrinhos são “excelentes veículos de mensagens ideológicas e de crítica social, explícita ou implicitamente” (Bibe-Luyten, 1987, p. 7). Quando falamos de histórias em quadrinhos no cenário nacional, Maurício de Sousa e sua “Turma da Mônica” são um inegável sucesso.

A franquia começa a tomar forma ainda na década de 1950 quando Maurício começa a publicar suas primeiras tiras na Folha da Manhã, atual Folha de São Paulo (Batista, 2014). Batendo de frente com grandes títulos do mercado editorial de quadrinhos, até mesmo de produções da DC Comics e Marvel, responsáveis por títulos emblemáticos da cultura popular como Vingadores, Batman e Superman, a marca do Maurício de Sousa movimentou cerca de R\$ 2,7 bilhões já em 2012⁶ e foi responsável por introduzir milhares de crianças e adolescentes ao universo da literatura nesses mais de 50 anos em atividade.

Com personagens emblemáticos no imaginário da população brasileira, os quadrinhos da Turma da Mônica, além de objeto cultural responsável por fomentar o hábito da leitura em muitos durante seu processo formativo, também é um potente instrumento de reflexões acerca do bem-estar social, pessoal e político (Vieira; Grott; Käfer, 2023).

Ainda assim, quando nos debruçamos sobre a representatividade étnico-racial nos quadrinhos de Maurício de Sousa, fica evidente que o caminho percorrido para que

⁶ EXAME. **Turma da Mônica**: da tirinha a uma marca de r\$ 2,7 bi. 2012. Disponível em: <https://exame.com/marketing/turma-da-monica-da-tirinha-a-uma-marca-de-r-2-7-bi/>. Acesso em: 27 maio 2024

peessoas negras pudessem de fato se enxergar nas folhas dos gibis mais popular do país foi lento e até mesmo penoso (Carvalho et. al., 2021).

A gama de personagens negros hoje presentes nas histórias da turminha, como Milena, Ronaldinho Gaúcho e Tábata, é de uma enorme potência, mas para o presente artigo nos ateremos ao primeiro deles: Jeremias. Atribui-se a primeira aparição de Jeremias à capa de uma edição de Bidu em 1959 que apresenta vários garotos, “entre eles o único garoto negro de todo o grupo e que, deduz-se, ser Jeremias [...] O rosto dele era representado basicamente como uma elipse preta com duas outras brancas menores servindo de olhos” (Chinen, 2013, p. 147-148).

O traço do personagem foi se alterando e sua popularidade foi gradativamente alavancando, fruto da democratização das pautas do movimento negro e, possivelmente, do sentimento de identificação gerado no público infantojuvenil do país (Carvalho et al, 2021), cujos 55,5% da população se identifica como preta ou parda⁷. A prova dessa popularidade veio em 2018 — um tanto tardia considerando o histórico do personagem — com a primeira publicação solo do personagem dentro do Graphic MSP, um projeto editorial que compreende edições únicas dos personagens do estúdio, roteirizados e ilustrados por diferentes artistas da cena nacional com traços únicos e histórias consideradas não canônicas dentro do universo da turma. Jeremias possui atualmente três títulos dentro do projeto Graphic MSP, sendo eles “Pele” (2018), “Alma” (2020) e “Estrela” (2024).

3.1 JEREMIAS — PELE

A primeira parte da saga de Jeremias, “Pele”, foi lançada oficialmente em abril de 2018 e ganhou o Prêmio Jabuti de Histórias em Quadrinhos de 2019. Com roteiro de Rafael Calça e arte e cor de Jefferson Costa, ambos homens negros, “Pele” é uma história emocionante que retrata temas da realidade de milhares de pessoas negras: crescer em meio ao racismo no ambiente escolar, ser condicionado a sentir vergonha de seus cabelos e traços negróides⁸, lidar com a violência policial e a falta de representatividade. A própria “Pele” é um sintoma dessa falta de representatividade, já que é a primeira vez que o personagem sai da posição de ajudante do amigo branco e ganha destaque em

⁷ BRASIL. IBGE. (org.). **Censo 2022**. 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 27 maio 2024.

⁸ Entendemos que o termo pode ter sido utilizado anteriormente de forma pejorativa para se referir às características fenotípicas comuns em pessoas negras, entretanto retira-se aqui a escolha política de utilização desse termo a fim de positivar essas características étnico-raciais.

uma narrativa própria: “*Pele* me ajudará inclusive a corrigir uma injustiça histórica: apesar de ser um dos meus primeiros personagens, o Jeremias nunca havia protagonizado uma revista sequer” diz Maurício de Sousa no prefácio da obra (Calça; Costa, 2018, p. 05).

No início da *graphic novel*, temos Jeremias com os olhos brilhando ao ver um homem negro na bancada de executivos e representantes de uma estação espacial durante o lançamento de um foguete, como podemos ver na Figura 1:

Figura 1 - Trecho da HQ "Pele"



Fonte: Calça e Costa (2019)

Descrição da imagem: A imagem é uma tira de quadrinhos composta por quatro quadros. No primeiro quadro, um menino negro que usa camisa amarela e bermuda azul está segurando um controle remoto enquanto bebe um líquido laranja de um copo. Ele parece estar ligando algum eletrodoméstico. No segundo quadro, o mesmo menino está ajoelhado no chão, assistindo a uma televisão. Na tela da TV, há quatro figuras, da esquerda para a direita: um homem branco e loiro vestindo terno azul, um homem branco e moreno vestindo terno azul, homem negro vestindo uniforme verde, homem branco e loiro vestindo uniforme verde. No terceiro quadro, a cena da TV é ampliada, mostrando dois homens, o homem negro e um homem loiro, sentados em uma mesa. Há um balão de fala que diz: “Após a coletiva de imprensa de ontem à tarde...”. No quarto e último quadro, há um close-up dos olhos do menino, que estão brilhando com estrelas, indicando que ele está maravilhado ou muito impressionado com o que está vendo na TV.

O sentimento de identificação gerado por se reconhecer naquela pessoa é decisivo para a formação do personagem-criança: aqui Jeremias sonha em ser astronauta e ver uma pessoa negra ocupando essa posição de destaque o faz acreditar não apenas nessa possibilidade como algo real, mas o faz acreditar em si.

Segundo Silvio Almeida (2019, p. 109), “o que chamamos de representatividade refere-se à participação de minorias em espaços de poder e prestígio social, inclusive no interior dos centros de difusão ideológica como os meios de comunicação e a academia”. Para o autor (Almeida, 2019, p. 110), a representatividade pode ter dois efeitos no combate à discriminação: “propiciar a abertura de um espaço político para

que as reivindicações das minorias possam ser repercutidas, especialmente quando a liderança conquistada for resultado de um projeto político coletivo” e “desmantelar as narrativas discriminatórias que sempre colocam minorias em locais de subalternidade”.

A representatividade não se restringe a ausência ou presença de figuras negras na literatura, na TV, no cinema ou na música, mas sobre como essas figuras possibilitam novos sentidos às suas realidades e impactam na maneira como o negro é visto pela sociedade marcada pelo fenômeno da branquitude. Cida Bento (2022), explica que o fenômeno da branquitude se caracteriza pela transmissão de um modo de funcionamento social em prol de uma hierarquia de dominação para o homem branco.

Ao decorrer da narrativa, Jeremias e seus colegas de sala de aula são designados a montar uma feira de profissões, sendo estas indicadas a cada aluno pela professora. Contudo, fica evidente que as escolhas da professora são arbitrárias: os alunos brancos recebem profissões de maior prestígio no seio social, enquanto o protagonista recebe uma comumente atribuída a uma parcela menos privilegiada da sociedade, momento ilustrado na Figura 2:

Figura 2 - Trecho da HQ "Pele"



Fonte: Calça e Costa (2019)

Descrição da imagem: A imagem é uma história em quadrinhos composta por seis quadros. Nos primeiros cinco quadros, há crianças sentadas em uma sala de aula, com balões de fala indicando uma profissão para cada criança:

1. Um menino branco recebe “Policia”.
2. Uma menina branca recebe “Médica”.
3. Outro menino branco recebe “Ator”.
4. Um menino negro recebe “Pedreiro”.
5. O mesmo menino negro, agora com a mão levantada, diz “Será que... Eu poderia ser astronauta...”.

No sexto quadro, a cena muda para a sala de aula inteira rindo do menino que disse que queria ser astronauta. Ele está ao fundo da cena, com uma expressão triste, enquanto os outros alunos riem.

Não apenas a escolha da professora equilibra-se em cima de uma forte carga racista, mas a reação de escárnio dos outros alunos reforçam isso. Afinal, o que exatamente em Jeremias coloca seu desejo de ser astronauta em uma posição de chacota para causar tamanha comoção em sala de aula? Eliane Cavalleiro (2001) evidencia que no meio escolar há um tratamento mais afetivo dos educadores para crianças brancas, em detrimento das crianças negras, que pode ser percebido não apenas no tratamento direto entre educadores e educandos, mas na relativização e omissão do racismo praticado por parte de alunos brancos com alunos negros. Isso não apenas impacta de maneira negativa a autoestima e o desenvolvimento das crianças negras, mas reforça e naturaliza um tratamento “diferenciado” entre as crianças brancas em relação às negras.

A omissão da professora em repudiar a zombaria das outras crianças da sala não é verbalizada, mas não deixa de ser percebida pelos alunos, que se sentem à vontade para zombar dos fenótipos negros de outro aluno. Não é um caso isolado. O mesmo aluno em outro momento da narrativa tece comentários racistas sobre o cabelo de Jeremias e esses têm impacto no protagonista: Jeremias raspa o cabelo em casa e passa a usar a tradicional boina dos quadrinhos para cobrir a cabeça.

Neusa Santos Souza (1983) aponta que o negro é violentado por uma ideologia imposta pela branquitude, onde o ideal a ser atingido é o branco, e o negro viverá eternamente na luta de um modelo impossível de ser alcançado. O padrão de beleza é branco e, na ausência do letramento racial e de uma autoestima bem desenvolvida, resta ao negro o repúdio pelas características que o distanciam do ideal imposto: “Na construção de um Ideal de Ego branco, a primeira regra básica que ao negro se impõe é a negação, o expurgo de qualquer ‘mancha negra’ [...] Às vezes esta rejeição, levada ao nível do desespero, violenta o corpo físico” (Souza, 1983, p. 34-35).

A decisão de Jeremias de raspar o cabelo após sofrer ataques racistas é a expressão de uma tentativa de distanciamento de um símbolo de sua negritude, o cabelo crespo, em prol de alcançar o Ideal de Ego branco. O que Jeremias, diferente do seu pai, ainda não entende, é que o que Sueli Carneiro (2023) chamou de dispositivo de racialidade opera numa eterna negação do negro enquanto sujeito, ao mesmo tempo em que reforça o negro enquanto posição: “O negro chega antes da pessoa, o negro chega antes do indivíduo, o negro chega antes do profissional, o negro chega antes do gênero, o

negro chega antes do título universitário, o negro chega antes da riqueza” (Carneiro, 2023, p. 130). É isso que o pai de Jeremias tenta explicar a ele na Figura 3:

Figura 3 - Trecho da HQ "Pele"



Fonte: Calça e Costa (2019)

Descrição da imagem: A imagem é uma cena de uma história em quadrinhos. Nela, há dois personagens principais. Um homem negro está de pé, apontando o dedo e falando de forma enérgica com um menino negro que está sentado em um sofá verde. O homem parece estar repreendendo o menino. O menino está com uma expressão triste e parece estar chorando. Há uma mão levantada no canto esquerdo da imagem, como se estivesse tentando intervir ou acalmar a situação. O texto na imagem diz: “PORQUE VOCÊ É NEGRO, JEREMIAS! Se você for briguento, não vão dizer que você foi provocado, vão dizer que é porque VOCÊ É NEGRO! Se não entender algo, se disser alguma coisa errada, vão dizer que é porque VOCÊ É NEGRO! É assim que as coisas são! Você vai ter que ser duas vezes mais paciente, duas vezes mais esperto! Se não for duas vezes melhor, NUNCA vai ser tratado como igual! Vai ter que endurecer, filho! Criar uma casca dura, ENTENDEU?”. No canto inferior esquerdo, há uma pequena fala que diz “Alex...”.

A saída para escapar do chamado Ideal de Ego branco é o que bell hooks (2019) fala sobre a produção de imagens que representem a negritude a partir de um reforço positivo, o que reforça a importância de produções como “Pele”. Colocar figuras negras em posição de prestígio, possibilita que pessoas negras, principalmente as crianças ainda em processo de se formar enquanto sujeitos, consigam enxergar toda a beleza que a branquitude quis esconder, como pode ser visto na figura 4:

Figura 4 - Trecho da HQ "Pele"



Fonte: Calça e Costa (2019)

Descrição da imagem: A imagem é uma tira de quadrinhos com três painéis. No primeiro painel, um menino está sentado em uma cadeira de barbeiro, com um barbeiro de bigode e avental branco ao fundo. O barbeiro pergunta: “Bom, rapazinho, como você quer”. No segundo painel, o menino parece pensativo, enquanto o barbeiro e outras pessoas ao fundo observam. No terceiro painel, o menino mostra uma revista com a capa de um astronauta negro de uniforme verde e diz: “Moço... corta que nem o dele!”.

A autoconfiança que retoma ao personagem após o corte de cabelo semelhante a uma figura de destaque reforça o argumento dos autores sobre a importância da representatividade. Jeremias encontra em si a voz capaz de enunciar o racismo no tratamento dado pela professora e colegas de classe, assim como perceber o racismo que o cerca. Por fim, após tudo o que Jeremias aprendeu sobre si e sua posição enquanto pessoa negra numa sociedade racista, ele decide que não mais quer ser astronauta. Ele quer contar histórias.

3.2 JEREMIAS — ALMA

Lançada em dezembro de 2020, “Alma” é a sequência direta de “Pele” assinada novamente por Rafael Calça e Jefferson Costa e acompanha Jeremias lidando com novos questionamentos a partir da vivência de um menino negro vivendo na sociedade da branquitude. “Alma” foi tão bem-sucedido quanto o antecessor, sendo finalista na categoria História em Quadrinhos do Prêmio Jabuti e levando dois troféus no Prêmio HQMix 2021. A trama se desenrola a partir de uma inquietação trazida ao protagonista por seu amigo Franjinha. O amigo vai viajar à Itália a fim de se reconectar com o passado da sua família; um passado muito bem documentado, capaz de rastrear gerações e mais gerações de familiares, como ilustrado na Figura 5:

Figura 5 - Trecho da HQ "Alma"



Fonte: Calça e Costa (2020)

Descrição da imagem: A imagem é uma cena de uma história em quadrinhos. Nela, há duas crianças e um cachorro olhando para uma parede cheia de retratos emoldurados. As molduras são de diferentes tamanhos e formas, e os retratos parecem ser de pessoas de épocas passadas, vestidas com roupas antigas. Uma das crianças, que está à esquerda, tem cabelo loiro e está apontando para um dos retratos. A outra criança, à direita, usa um boné vermelho e está de costas. O cachorro está sentado ao lado da criança de boné. Há dois balões de fala vindo da criança loira que diz: “Vai ser bem legal conhecer uns parentes que falam outra língua. Quando as aulas voltarem, quero começar um curso de italiano!”

Jeremias não tem a mesma possibilidade. Jeremias, como tantas pessoas negras no Brasil, descende de pessoas trazidas da África durante o período colonial para serem escravizadas. Sueli Carneiro (2023, p. 96) define o Epistemicídio como a “negação que empreende da legitimidade das formas de conhecimento, do conhecimento produzido pelos grupos dominados e, conseqüentemente, de seus membros enquanto sujeitos de conhecimento”, sendo este um — entre tantos — dos instrumentos de dominação e subjugação do processo colonial. E o epistemicídio é o ponto central de “Alma”; em determinado momento, conforme Figura 6, Jeremias questiona:

Figura 6 - Trecho da HQ "Alma"



Fonte: Calça e Costa (2020)

Descrição da imagem: A imagem é uma ilustração de uma história em quadrinhos. Ela mostra quatro adultos sentados em uma mesa e uma criança em pé ao fundo. A cozinha tem armários na parede e uma geladeira amarela ao fundo. A criança, que está em pé ao fundo, pergunta: "Gente negra já fez alguma coisa importante?". As outras quatro pessoas estão sentadas ao redor da mesa, e suas expressões variam de surpresa a reflexão.

Em sua tese de doutorado, Sueli Carneiro afirma que "o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo." (Carneiro, 2005, p. 97).

A indagação do protagonista reflete não apenas o epistemicídio no sistema educacional, mas também a dificuldade na efetivação da Lei 10.639/2003. Duas décadas após a implementação da lei, temos crianças e adolescentes questionando as contribuições dos povos africanos e seus descendentes, ainda que tais contribuições passem por áreas que vão da matemática à linguagem, da medicina à arquitetura, da culinária aos esportes e tantas outras, deveria inquietar pais, professores e bibliotecários (Vasconcelos; Alves, 2024).

E por se tratar de uma narrativa destinada ao público infanto-juvenil, "Alma" não poderia deixar de tocar novamente em outro ponto comum às crianças e adolescentes

negros no Brasil: o racismo recreativo, entendido como a utilização de um dito “humor” para mascarar uma hostilidade racial (Moreira, 2019). Ao decorrer da trama, Jeremias passa por um conflito com um personagem branco que como forma de vingança decide representar o protagonista em uma peça de teatro que podemos ver na Figura 7:

Figura 7 - Trecho da HQ "Alma"



Fonte: Calça e Costa (2020)

Descrição da imagem: A imagem é uma cena de quadrinhos. No centro, há um personagem de rosto marrom, usando um boné vermelho, uma segunda pele de cor preta e sobre ela camisa amarela e bermuda azul. Ele está em um palco, segurando uma bola em uma das mãos e fazendo um gesto com a outra mão. O personagem no palco está falando e há um balão de fala que diz: “Salve, quebrada! Firmão? Meu nome é Jurandir. Tô aqui porque teve uns desacerto lá na minha favela, tá ligado?”. Na frente do palco, há várias pessoas assistindo, mas elas estão desenhadas apenas como silhuetas.

O personagem Pierre Valentim decide fazer uma caracterização de Jeremias pautado em estereótipos racistas: morador de uma favela, cercado pelo tráfico, não usa a norma padrão de linguagem e é jogador de futebol. Além disso, o personagem branco para representar Jeremias recorre ao *blackface*, que “remonta aos primórdios do teatro, quando a caracterização da pessoa negra era apenas pela pintura exagerada da face do ator com a cor preta, simulando uma espécie de caricatura dos traços negróides que reforçavam os estereótipos” (Santos; Alves; Santos Filho, 2017, p. 9).

Ainda que “Alma” enriqueça a jornada de Jeremias com novos conhecimentos, trazendo luz aos tantos pontos necessários que precisam ser democratizados no que diz respeito às questões étnico-raciais, o gancho deixado em “Pele” é usado e no final somos lembrados que a melhor maneira de combatermos juntos o racismo é através do ato de ecoar as vozes de pessoas negras e dar o protagonismo e a representatividade que é delas por direito. Isso fica evidente quando Jeremias decide representar sua bisavó, uma pessoa escravizada, como rainha, conforme Figura 8:

Figura 8 - Trecho da HQ "Alma"



Fonte: Calça e Costa (2020)

Descrição de imagem: A imagem é uma ilustração de uma história em quadrinhos. Nela, há duas pessoas ajoelhadas no chão, parecendo estar mexendo na terra. À esquerda, há uma criança com cabelo curto e um boné xadrez vermelho. À direita, há uma mulher mais velha com cabelo preso em um coque e vestindo um vestido rosa. Ambas estão usando luvas amarelas. Ao fundo, há uma mesa de piquenique verde e algumas árvores. A mulher está falando e há um balão de fala com o texto: "Rainha? Uma rainha preta?".

Assim, Jeremias finaliza o segundo arco da trilogia tomando para si o trabalho de preservar a sua ancestralidade através do ato de contar histórias, seja de forma escrita ou a partir da oralidade. Após recuperar em "Pele" a autoestima e a confiança que a sociedade da branquitude tenta roubar do povo negro diariamente, em "Alma" Jeremias entende que "quando o povo negro tem como eixo central o reconhecimento identitário da sua ancestralidade e valores, este torna-se sujeito, protagonista da sua história e não objeto, algo a ser observado e retratado por outros" (Gomes, 2016, p. 740). A representatividade, seja nos veículos midiáticos ou nos espaços sociais, pautando uma afrocentricidade viabiliza um local de protagonismo à população negra na construção de uma sociedade antirracista.

3.3 JEREMIAS — ESTRELA

"Estrela" foi oficialmente lançada em março de 2024 e finaliza o arco do personagem Jeremias dentro da Graphic MSP sob a produção de Rafael Calça e Jefferson Costa. A narrativa dessa terceira parte se desenrola a partir do protagonista assumindo seu papel de griô após os acontecimentos do arco anterior. Segundo Amanda Nascimento (2023, p. 59), os griôs, ou *griots*, "buscam a continuidade da socialização dos

saberes em um movimento de corpo e alma, revelando entre gerações a força dos seus ancestrais”. Entendendo então a importância da contação de histórias e da oralidade para a preservação da memória da diáspora africana e dos saberes ancestrais, Jeremias passa a se perguntar quais histórias ele vai contar agora.

Logo no início, o protagonista realiza uma sessão de autógrafos numa livraria onde podemos ver atrás dele uma parede com retratos de várias personalidades negras como Machado de Assis e Carolina Maria de Jesus. Podemos observar a intenção dos autores em reforçar a importância da representatividade, principalmente para as novas gerações, que tem permeado os três arcos de Jeremias até agora. Essa passagem encontra-se reproduzida na Figura 9:

Figura 9 - Trecho da HQ "Estrela"



Fonte: Calça e Costa (2024)

Descrição de imagem: A imagem é uma ilustração colorida que mostra uma cena em um ambiente interno, possivelmente uma livraria ou biblioteca. No centro da imagem, há um menino negro em uma cadeira grande e ornamentada. O menino parece estar escrevendo em um livro, possivelmente dando um autógrafo. Ao lado da cadeira, há uma placa que diz “Saci Presidente” indicando ser a capa do livro escrito pelo menino. Em volta da figura, há várias pessoas, incluindo crianças e adultos. Nas paredes ao fundo, há vários retratos de personalidades negras, todos emoldurados.

Um dos destaques de “Estrela” é a introdução de mais personagens negros na trama e uma delas é Milena. A personagem é uma garota negra introduzida às aventuras da “Turma da Mônica” em 2017 a partir da demanda popular por mais diversidade étnico-racial nos quadrinhos de Maurício de Sousa. Aqui ela surge como uma espécie de braço direito à Jeremias, não apenas o ajudando e acompanhando em sua jornada, mas também bebendo do conhecimento que o protagonista tem a oferecer.

Em determinado momento do quadrinho, podemos identificar Milena lendo o livro “A vida não me assusta”, conforme Figura 10:

Figura 10 - Trecho da HQ “Estrela”



Fonte: Calça e Costa (2024)

Descrição da imagem: A imagem é dividida em dois quadrinhos. No quadrinho da esquerda, há uma menina negra cabelo cacheado com um laço roxo na cabeça, sentada em uma cama em um ambiente que parece ser um quarto. A menina está olhando para o livro em suas mãos. No quadrinho da direita, a mesma criança está segurando um livro aberto e olhando para ele com um sorriso. A capa do livro tem uma ilustração de uma coroa dourada e um dinossauro na capa, como na capa do livro “A vida não me assusta.”.

Lançado oficialmente em 1993, esse é um livro escrito pela autora e poetisa norte-americana Maya Angelou, ilustrado por obras do grafiteiro e pintor neoimpressionista Jean-Michel Basquiat. Assim como os títulos de Jeremias dentro da Graphic MSP, “A vida não me assusta” foi escrito e ilustrado por pessoas negras e ressoa o argumento sobre a necessidade e a importância de fazer com que a literatura produzida por pessoas negras seja cada vez mais acessível e acessada.

Outro personagem negro introduzido em “Estrela” é Isac. Isac além de negro é PCD, encontra-se em uma cadeira de rodas, mas sua condição não é de nascença. A história deixa subentendido que Isac perdeu uma das pernas por violência policial pautada por racismo, uma vez que em uma das páginas, reproduzida na Figura 11, o personagem é ilustrado na frente de folhas de jornais onde podemos ler manchetes como “Policial confunde guarda-chuva com fuzil e atira em garçom, afirmam testemunhas” e “Jovem negro denuncia racismo após ser acusado de roubar guarda-chuva”.

Figura 11 - Trecho da HQ "Estrela"



Fonte: Calça e Costa (2024)

Descrição da imagem: A imagem é uma ilustração que é parte de uma história em quadrinhos. No topo, há um recorte de jornal com a manchete: “Policial confunde guarda-chuva com fuzil e atira em garçom, afirmam testemunhas”. Abaixo da manchete, há um desenho de um jovem negro com expressão séria e cabelo em dreadlocks. Ele está vestindo uma camisa laranja, uma camiseta regata branca por cima e segura em suas mãos uma placa preta, como se o garoto estivesse sendo fichado pela polícia. Abaixo há outro recorte de jornal com a manchete: “Seis objetos que policiais confundiram com armas de fogo e atiraram”.

Em outra manchete podemos ler “Seis objetos que policiais confundiram com armas de fogo e atiraram”. As manchetes por mais chocantes que sejam não são fictícias. De fato, em 2018, o jovem negro Rodrigo Alexandre da Silva Serrano trabalhava como garçom e foi assassinado por policiais da Unidade de Polícia Pacificadora no Rio de Janeiro após ter seu guarda-chuva confundido com um fuzil. Infelizmente, esse não é um caso isolado. Como mostra uma matéria publicada pela Ponte Jornalismo em 2023⁹, o argumento da polícia do Rio de Janeiro para assassinar pessoas negras parte de um descompasso cognitivo que confunde macacos hidráulicos com submetralhadoras, pneu estourando com tiros e até sacos de pipocas com saco de drogas.

Outra questão que o personagem Isac traz para o debate dentro dos quadrinhos é o da interseccionalidade. Segundo Patricia Hill Collins (2020, p. 23), a

⁹ PONTE JORNALISMO. Quando a PM do RJ ‘confunde’ objetos com armas nas mãos de suas vítimas e atira para matar. 2023. Elaborado por Beatriz Drague Ramos. Disponível em: <https://ponte.org/quando-a-pm-do-rj-confunde-objetos-com-armas-nas-maos-de-suas-vitimas-e-atira-para-matar/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

interseccionalidade “investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente”. Ou seja, se pessoas negras já enfrentam dificuldades, imaginemos então os obstáculos impostos a quem é uma pessoa negra e PCD ou pessoa negra e LGBTQIA+ ou até mesmo pessoa negra e mulher e pobre. Após as dificuldades enfrentadas como ilustrado na Figura 12, o próprio Isac questiona: “Que vida? Todo mundo olha pra mim e vê um inimigo”.

Figura 12 - Trecho da HQ "Estrela"



Fonte: Calça e Costa (2024)

Descrição da imagem: A imagem é uma página de quadrinhos com várias cenas. No canto superior esquerdo, há um menino negro em uma cadeira de rodas, sorrindo. Ao lado, há um homem de terno e gravata borboleta, movimentando o dedo indicador em negativa. Na cena seguinte, uma mão negra está segurando um pedaço de papel. Abaixo, há uma mão aberta, como se estivesse fazendo um gesto de "pare". No canto inferior direito, o menino na cadeira de rodas aparece novamente, com a cabeça abaixada.

O jeito que eles encontram de trazer justiça para Isac é através da personagem Márcia Lamar, uma jornalista negra introduzida em “Tina - Respeito”, outro título da coleção Graphic MSP. Márcia é uma mulher negra que trabalha como repórter no Clarim d’Alvorada, como podemos visualizar na Figura 13. O jornal existiu na realidade e foi um periódico da cidade de São Paulo que ficou em circulação entre 1924 e 1932 e foi um importante instrumento de registro da memória da população negra pós-escravidão e

das demandas sociais desses sujeitos enquanto ex-escravizados (Faria, 2019).

Figura 13 - Trecho da HQ "Estrela"



Fonte: Calça e Costa (2024)

Descrição da imagem: A imagem mostra uma cena em um saguão de um prédio. No centro, há um balcão de recepção com pessoas em pé ao redor dele. No fundo, há uma parede com o logotipo "O Clarim da Alvorada" escrito em letras brancas. A iluminação é suave e há sombras projetadas no chão, sugerindo uma luz vinda de fora.

O arco de Jeremias dentro da Graphic MSP se encerra mostrando a importância da luta mobilizada em prol da justiça social. Passando pelas diversas questões étnico-raciais apresentadas aqui como o racismo recreativo e policial, epistemicídio, representatividade e interseccionalidade, a trilogia de Jeremias parece refletir bem os ideias de Rafael Calça e Jefferson Costa e nos lembrar que a arte também imita a vida e que as histórias contadas aqui podem ressoar em diversas pessoas negras, pois nas palavras do próprio Jeremias: "cada palavra desta história, eu usei para mostrar um caminho que não é só meu" (Calça; Costa, 2023, p. 75).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de uma educação antirracista é fundamental para a promoção da tão almejada equidade racial. Enquanto não questionarmos a maneira como o pacto da branquitude permeia a ideologia dominante e molda as nossas relações e

as estruturas da sociedade, a discussão das questões étnico-raciais acaba por não avançar da maneira desejada. As bibliotecas, enquanto unidades responsáveis pela produção, guarda e disseminação de informação, dispõem da potencialidade de contribuir com os movimentos sociais organizados e a democratização de suas pautas para a sociedade civil.

Como pudemos observar, as histórias em quadrinhos protagonizadas por Jeremias, abordam de forma lúdica e acessível, questões que já vinham sendo discutidas por integrantes do movimento negro desde o século passado. Refletir a afrocentricidade em uma linguagem acessível para crianças e adolescentes por meio de um veículo como as histórias em quadrinhos de um dos universos mais populares da literatura nacional desse século não é uma tarefa fácil, mas foi realizada por Rafael Calça e Jefferson Costa de forma sensível e atenta ao presente das questões étnico-raciais, sem perder o horizonte das causas e consequências da violência racial sofrida pela população negra e jovem. Por meio de Jeremias, uma criança, os autores nos lembram por que lutamos: pelos que vieram, e pelos que ainda virão.

Com o objetivo alcançado, reforçamos que títulos como “Pele”, “Alma” e “Estrela” deveriam ser recorrentes nos acervos das bibliotecas brasileiras e coleções afrocentradas precisam integrar cada vez mais as políticas de formação e desenvolvimento desses espaços, mas esse é apenas uma das facetas. Além do conhecimento registrado em diferentes suportes e formatos, é preciso que esses espaços sejam também locais de fomento à cultura afro-brasileira por meio de ações culturais, espaços que buscam promover uma cultura de paz, espaços que possibilitem um letramento racial e que valorizem também o conhecimento oral. Enfim, espaços que sejam capazes de enxergar a negritude no dia a dia do fazer bibliotecário.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Arthur Henrique Feijó de. Políticas públicas para formação e desenvolvimento de coleções, comunidade LGBTQIA+ e representatividade: um estudo do acervo da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 18, n., 2022. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1790>. Acesso em: 28 maio 2024.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen; Sueli Carneiro, 2019.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1980.

BATISTA, Katiana de Jesus Almeida. **Os discursos em circulação nas histórias em quadrinhos de Maurício de Sousa**. 2014. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/5774/1/KATIANA_JESUS_ALMEIDA_BATISTA.pdf. Acesso em: 27 maio 2024.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2022.

BIBE-LUYTEN, Sonia Maria. **O que é histórias em quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 91 p. (Coleção Primeiros Passos).

CALÇA, Rafael; COSTA, Jefferson. **Jeremias: pele**. São Paulo: Panini, 2018. (Graphic MSP).

CALÇA, Rafael; COSTA, Jefferson. **Jeremias: alma**. São Paulo: Panini, 2020. (Graphic MSP).

CALÇA, Rafael; COSTA, Jefferson. **Jeremias: estrela**. São Paulo: Panini, 2024. (Graphic MSP).

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001465832>. Acesso em: 03 jun. 2024.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CAVALLEIRO, Eliane. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando a escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 141-160.

CHINEN, Nobuyoshi. **O papel do negro e o negro no papel: representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros**. 2013. 296 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-21082013-155848/publico/Nobuyoshi.pdf>. Acesso em: 27 maio 2024.

COLLINS, Patricia Hill. **O que é interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/yCLBRQ5s6VTN6ngRXQy4Hqn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 jun. 2024.

FARIA, José Manuel. Jornal O Clarim Da Alvorada: protagonismo negro em ação (1924-1932). **Revista De Trabalhos Acadêmicos-Campus Niterói**, América do Norte, 1, mar. 2019. Disponível em: <http://www.revista.universo.edu.br/index.php?journal=1reta2&page=article&op=view&path%5B%5D=7361&path%5B%5D=4171>. Acesso em: 10 Jun. 2024.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Elisângela. Afrocentricidade: discutindo relações étnico-raciais na biblioteca. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 21, n. 3, p. 738-752, 2016. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1216>. Acesso em: 10 jun. 2024.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

NASCIMENTO, Amanda Carla Ganim do. **A nossa história contada em primeira pessoa: a oralidade como fonte de informação para continuidade da memória e produção de conhecimento dentro de quilombos urbanos**. 2023. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Informação, Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023. Disponível em:

<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/50773>. Acesso em: 10 jun. 2024.

PAIVA, Rodrigo Sérgio Ferreira de et al.. A evolução da presença negra na Mauricio de Sousa Produções: o reflexo do pensamento decolonial nos quadrinhos nacionais. **Liinc em revista**, v. 17, n., 2021. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br//download/168592>. Acesso em: 27 maio 2024.

PEREIRA, Amilcar. O Movimento Negro Brasileiro e a Lei Nº 10.693/2003: da criação aos desafios para a implementação. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 13-30, 27 abr. 2017. Disponível em:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/3452>. Acesso em: 06 jun. 2024.

SALES, Cristiane; PAES, Marcílio Moreira. A biblioteca escolar como espaço de democratização do acesso à leitura literária. **Web Revista Linguagem, Educação E Memória**, Campo Grande, v. 1, n. 23, p. 1-14, 2025. DOI: 10.61389/wrlem.v1i23.9986. Disponível em:

<https://periodicosonline.uems.br/WRLEM/article/view/9986>. Acesso em: 20 dez. 2025.

SANTOS, Jéssica Menezes de Araújo dos; ALVES, Janaína Bastos; SANTOS FILHO, Eudaldo Francisco dos. A construção da imagem identitária negra dentro do processo de educação: a ilustração e a influência do blackface na formação deste conceito. **Anais do Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade, Feira de Santana**, n. 12, p. 1-14, 15 abr. 2020. Universidade Estadual de Feira de Santana.

<http://dx.doi.org/10.13102/asppdci.v0i12.5170>. Disponível em:

<https://periodicos.uefs.br/index.php/AnaisPPGDCI/article/view/5170>. Acesso em: 03 jun. 2024.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo**. 2. Ed. São Paulo: Veneta, 2020.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SOUZA, Willian Eduardo Righini. A constituição do espaço público e o perfil democrático das bibliotecas. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 11, n. 1, 2020.

Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/146852>. Acesso em: 20 dez. 2025.

VASCONCELOS, Débora Kelly Ferreira; ALVES, Patrícia Formiga Maciel. As dificuldades de implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08 no ambiente escolar. **Revista Educação e Políticas em Debate**, Uberlândia, v. 13, n. 2, p. 1-19, 2024. DOI: [10.14393/REPOD-v13n2a2024-69548](https://doi.org/10.14393/REPOD-v13n2a2024-69548). Disponível

em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/69548>. Acesso em: 20 dez. 2025.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Seleção de materiais de informação**. 3. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2010.

VIEIRA, Keitty; GROTT, Vitoria Gizela de Oliveira; KAFER, Erica de Lima. Os quadrinhos da Turma da Mônica e sua contribuição para as reflexões sobre o bem-estar social, pessoal e político da sociedade. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 28, n. 2, 2023.

Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/2055>. Acesso em: 27 maio 2024.

VIEIRA, Sara da Cruz; VALÉRIO, Erinaldo Dias. Mapeando o acervo bibliográfico para uma agenda antirracista. In: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da (org.). **Bibliotecári@s negr@s: pesquisa e experiências de aplicação da lei 10.639/2003 na formação bibliotecária e nas bibliotecas**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2020. p. 187-200. Selo Nyota.

Recebido em: 22 de julho de 2024
Aprovado em: 27 de dezembro de 2025
Publicado em: 27 de dezembro de 2025